

AUTOR

Guimarães Rosa
Na Academia Brasileira de Letras, ocupou a cadeira nº 2, cujo patrono é o escritor Álvares de Azevedo, e pertenceu a seu amigo e antigo chefe no Itamarati, João Neves da Fontoura.

DADOS BIOGRÁFICOS

Nome completo: João Guimarães Rosa
Nascimento: 27 de junho de 1908, em Cordisburgo, centro-norte de Minas Gerais
Morte: 19 de novembro de 1967, no Rio de Janeiro

BIBLIOGRAFIA

- *Magma* (1936), poemas. Não publicados, mas recebeu prêmio (primeiro lugar) da Academia. Guilherme de Almeida, relator, julgando o livro do desconhecido moço mineiro, assim se pronuncia: (...) 'E o livro *Magma*, de João Guimarães Rosa, inscrito sob o número 8. Pura, esplêndida poesia. Descobre-se aí um poeta, um verdadeiro poeta: o poeta talvez de que o nosso instante precisava. Nativa, espontânea, legítima, saída da terra com uma naturalidade livre de vegetal em ascensão, *Magma* é poesia centrífuga, universalizadora, capaz de dar ao resto do mundo uma síntese perfeita do que temos e somos. Há aí, vivo de beleza, todo o Brasil: a sua terra, a sua gente, a sua alma, o seu bem e o seu mal'.

- *Sagarana* (1946), contos e novelas regionalistas. Livro de estréia.

- *Com o vaqueiro Mariano* (1947)

- *Corpo de Baile* (1956), novelas.
Atualmente publicado em três partes:
- *Manuelzão e Miguilim*,
- *No Urubuquaquá, no Pinhém* e
- *Noites do sertão*.

- ***Grande Sertão: Veredas* (1956), romance.**

- *Primeiras estórias* (1962), contos.

- *Tutaméia: Terceiras estórias* (1967), contos.

- *Estas estórias* (1969), contos. Obra póstuma.

- *Ave, palavra* (1970) diversos. Obra póstuma.

EM JORNAIS E REVISTAS

- Colaborou no suplemento "*Letras e Artes*" de *A Manhã* (1953-54), em *O Globo* (1961) e na revista *Pulso* (1965-66), divulgando contos e poemas.

OBRA ANALISADA:

Grande Sertão: Veredas
2006 - 50 anos de lançamento
No sertão de Minas Gerais, por onde Guimarães Rosa andou, a vereda é o reino dos buritis – que é esse coqueiro tão belo que nasce no 'gerais', e que vocês, leitores de Rosa, conhecem muito bem.
O 'gerais', o sertão dos 'campos gerais' é 'terra de buriti e rei-trovão', onde 'a vista reta vai longe, longe, nunca esbarra' por cima do chapadão.

As veredas ficam entre as chapadas, dividindo-as: são vales de chão argiloso onde aflora a água absorvida nos terrenos porosos das chapadas. Nas veredas tem sempre buritis. E onde tem buriti tem água. Como diz Riobaldo, o 'buriti é das margens', ele "quer todo azul, e não se aparta de sua água - carece de espelho'.

GÊNERO	Prosa - romance
RESENHA	<p>Quando lançada, percebeu-se um impacto sem precedentes em nossa literatura. Guimarães Rosa tinha levado a efeito a mais radical experimentação lingüística pela qual passara o romance brasileiro. Como um imenso caleidoscópio constituído de casos, histórias curtas, páginas de diário, anedotas, a obra sustenta-se numa narrativa relativamente fácil. História do amor proibido do vaqueiro Riobaldo por Reinaldo/Diadorim, vaqueiro que revela depois ser uma mulher. Os dois se juntam para vingar o assassinato do pai de Diadorim.</p> <p>O romance organiza-se a partir do encontro de Riobaldo, homem do sertão, com um "senhor" (personagem não identificada) para quem narra sua vida durante três dias. O centro de gravidade ao redor do qual giram as memórias da personagem é a relação que manteve com Diadorim, ex-companheiro dele do tempo de jagunço.</p> <p>Observa-se a obra "dividida" em duas partes: a primeira consta de relatos de Riobaldo - reflexões a respeito de sua vida,... sem ordem cronológica. Já na segunda, passa a organizar as suas memórias.</p>
ESTILO DE ÉPOCA	<p>Modernismo - Terceira fase (1945/1962)</p> <p>Guimarães Rosa é figura de destaque dentro do Modernismo.</p> <p>Romance narrado em primeira pessoa por Riobaldo - jagunço no norte de Minas e sul da Bahia - num monólogo ininterrupto onde o autor e o leitor parecem ser os ouvintes diretos do personagem, Guimarães Rosa recuperou a tradição regionalista, renovando-a.</p> <p>Quanto ao processo narrativo... geralmente suas <i>estórias</i> concentram-se em torno de "casos" que sustentam os enredos. Nesta obra, vemos uma narrativa entremeada por reflexões metafísicas em torno dos acontecimentos; dois fatos marcantes: seu pacto com o Diabo e seu amor por Diadorim (na verdade, Deodorina, filha de Joca Ramiro, disfarçada de jagunço). As dúvidas de Riobaldo têm raízes místicas e sua narrativa torna-se, então, não mais um documento regionalista, mas uma obra de caráter universal, que toca em problemas que inquietam todos os homens: o significado da existência, as dimensões da realidade.</p>
INTERTEXTUALIDADE	<p>Adaptação para o cinema como "O Grande Sertão", de Geraldo e Renato Santos Pereira. Direção de Geraldo Santos Pereira e roteiro de Roberto Farias (1965). Coleção Grandes Adaptações Literárias. Distribuição: Cinemagia. Há em locadoras o DVD.</p> <p>Adaptação de <i>Grande Sertão: Veredas</i> para minissérie de Walter Jorge Durst, direção de Walter Avancini.</p> <p>Elenco: Tony Ramos como <i>Riobaldo</i> e Bruna</p>

Lombardi na pele de *Reinaldo/Diadorim* (Rede Globo, 1985).

Grande Sertão Veredas: o Romance Transformado, de Osvaldo J. de Moraes. Estudo da adaptação para a tevê. Análise de todas as etapas do processo de elaboração do roteiro (Edusp, 2000)

Adaptação para o teatro de *Grande Sertão: Veredas*, direção de Regina Bertola, no Centro Cultural Banco do Brasil (1994)

Veredas de Rosa nº 1, Comunicações, Editora PUC Minas, 2000.

Música - O Grande Sertão - Xavantinho
Pena Branca Canta Xavantinho, Quarup Discos (abaixo)

VISÃO CRÍTICA

Grande sertão: veredas é a obra prima de João Guimarães Rosa, e considerado por muitos o romance mais significativo da moderna literatura brasileira.

O ambiente rural vinha, há muito tempo, fornecendo material para nossa literatura. No Romantismo, Alencar, Taunay e Bernardo Guimarães produziram narrativas em que o homem e o espaço sertanejos são idealizados, em oposição ao homem da corte. Durante o Realismo/Naturalismo, Domingos Olímpio e Manuel de Oliveira Paiva debruçaram-se sobre o sertão, agora para revelar aspectos ignorados pelos românticos. No Pré-Modernismo, a realidade rural transformou-se em matéria literária para Euclides da Cunha, Monteiro Lobato e Simões Lopes Neto. A década de 1930, marca o surgimento do romance do Nordeste, com Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz, entre outros. Guimarães Rosa retoma a temática e a modifica radicalmente.

Como? Por quê?

Os demais regionalistas incorporavam termos regionais ao texto literário. Guimarães Rosa recria a linguagem regional de forma extremamente elaborada. Baseando-se na linguagem da região em que "ocorrem" as histórias narradas, o autor cria palavras novas, recupera o significado de outras, empresta termos de línguas estrangeiras, estabelece relações sintáticas surpreendentes.

O sertão não vai se limitar ao espaço geográfico, mas simboliza o próprio universo. Como afirma Riobaldo: "*O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem (...) O sertão está em toda a parte.*"

Alguns estudiosos vêem semelhança entre sua obra e uma novela de cavalaria. A travessia - palavra-chave em Grande sertão: veredas - representa o obstáculo a ser superado pelo "cavaleiro" (jagunço) e que dará sentido à sua existência.

Assis Brasil (Joaquim Francisco de Assis Brasil - escritor, diplomata,...) vai mais longe ao afirmar que *Grande Sertão: veredas* é um conto alongado, pois o escritor tê-lo-ia como narrativa curta. O *Grande Sertão*, como sabemos, tem mais de 500 páginas.

Grande Sertão

Intérprete(s): Pena Branca (voz) Gilvan de Oliveira (violão, viola), Serginho Silva (percussão)

Ei o sertão é meu lugar
nos campos e os matagais
onde cantam os passarinhos
nas colinas das Gerais (bis)

No chão de terra batida
ao longe se vê o pó
com o barulho dos cascos
nos trilhos em caracól
no passo lento do tempo
no grito da multidão
numa estrada sem saída
na poeira desse chão (bis)

Ei o sertão é meu lugar...

Pra não perder esperança
semente, flor em botão
a seiva da vida que jorra
em vaso verde pendão
quem me dera mesa farta
do vinho do mel e pão
o que seria da vida
sem o fruto do meu chão (bis)

Ei o sertão é meu lugar...